

# Modernidade e cidade- espetáculo:

o alvorecer dos grandes eventos  
esportivos internacionais no  
Rio de Janeiro

Modernity and Spectacle City:  
the beginning of international  
sporting mega-events in  
Rio de Janeiro

## **GILMAR MASCARENHAS**

Geógrafo formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialista em Ordenamiento y Gestion del Territorio pelo Centro Panamericano de Estudios e Investigaciones Geograficas (CEPEIGE - Equador), Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) com pós-doutorado em urbanismo de megaeventos na Université Paris I Panthéon-Sorbonne. Professor Associado do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Líder e mentor do Grupo de Pesquisa Megaeventos Esportivos e Cidades.  
[gilmasc2001@yahoo.com.br](mailto:gilmasc2001@yahoo.com.br)

---

**RESUMO:** No alvorecer do século XX, o Rio de Janeiro se tornou o vibrante cenário de três grandes eventos esportivos internacionais, dentre os primeiros realizados em território nacional. Capital federal e maior centro industrial do Brasil de então, a cidade almeja seu lugar entre as metrópoles cosmopolitas do mundo. Neste sentido, as elites do Rio de Janeiro sustentam um projeto de modernidade que incluía paulatinamente a adoção da prática esportiva, e que tenta produzir todo um repertório de ações e representações que conformarão a imagem-síntese da “Cidade Maravilhosa” em construção. Como símbolo da nova nação, o Rio de Janeiro pretende ser uma cidade esportiva, não importando se a grande maioria da população estivesse excluída desses exercícios e do lazer a beira-mar. O que importa é que já estavam assentadas, no plano simbólico, as bases da futura cidade olímpica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio de Janeiro; Modernidade; Esportes.

**ABSTRACT:** On the beginning of the XX century, Rio de Janeiro city was the vibrant scenery to three major international sporting events which are among the first of them to be held in Brazil. As Brazilian Federal Capital and largest industrial center of the country, the city aims to assure its place among the cosmopolitan metropolis of the world. In this sense, Rio de Janeiro’s elites support a project of modernity that gradually included the adoption of sports, trying to produce a repertoire of actions and representations that will define the image-synthesis of the “Marvelous City” under construction. As a symbol of the new nation, Rio de Janeiro intended to be a “sports city”, regardless the vast majority of the population was excluded from these exercises and the leisure on the beach. In despite of that, the foundations of the future Olympic City were already set on the symbolical sphere.

**KEYWORDS:** Rio de Janeiro city; Modernity; Sports.

## Introdução

Neste início do século XXI, a cidade do Rio de Janeiro se notabilizou mundialmente pela realização de grandes eventos esportivos: os Jogos Olímpicos 2016, a Copa do Mundo de Futebol 2014 (como a principal sede, ao abrigar a partida final) e os Jogos Pan-Americanos em 2007. Sem dúvida, organizar megaeventos esportivos configurou-se, meados da última década do século passado, enquanto meta explícita da gestão urbana municipal, visando a projeção global da cidade: em 1996 a cidade lançou-se candidata a sediar as olimpíadas de 2004 e desde então perseguiu obstinadamente este objetivo.

Em todas as candidaturas, notamos a reincidente evocação da imagem do Rio de Janeiro como “cidade esportiva”, no sentido de naturalmente vocacionada para os esportes. O investimento discursivo dos mentores dos respectivos projetos, dos patrocinadores e organizadores dos eventos, dos órgãos governamentais envolvidos e de diversos meios de comunicação, insiste em enaltecer esta qualidade como sendo inata à urbe carioca. Tal condição de cidade esportiva está quase sempre associada à natureza exuberante do sítio urbano, às montanhas, florestas e praias que funcionariam não apenas como moldura, mas como um apelo, um convite constante a prática esportiva. Também muito acionado é o discurso da identidade cultural do carioca, como povo que seria natural e particularmente propenso aos esportes e ao fisiculturismo.

Nesse capítulo tentaremos reconstruir um momento crucial, posto que precursor, do processo de identificação do Rio de Janeiro como cidade esportiva. Debruçar-nos-emos sobre as tensões e o imaginário da República Velha incidindo sobre a capital federal, urbe que se moderniza velozmente e que almeja seu lugar entre as metrópoles cosmopolitas (SEVCENKO, 1994), projeto de modernidade que incluía paulatinamente a adoção da prática esportiva (MASCARENHAS, 1999; SEVCENKO, 1993). Não somente a adesão à prática esportiva e seus efeitos em produzir corpos atléticos, mas adquirir e exibir todo um repertório de ações e representações que conformarão a imagem-síntese da “Cidade Maravilhosa” em construção.

Neste repertório de ações e enunciados se manifestava com destaque a capacidade (considerada essencialmente cosmopolita) de produzir eventos internacionais, expressando neles os desejáveis níveis de organização e hospitalidade que elevariam a posição da cidade no cenário global e, ao mesmo tempo, exibir a nova cidade que emerge da Reforma Passos, aburguesada e, conseqüentemente, cada vez mais “esportiva” (MELO, 2001).

No ano de 1919, se organizava pela primeira vez no Brasil, uma competição esportiva internacional de relativo vulto e considerável apelo público<sup>1</sup>. Trata-se do IV Campeonato Sul-Americano de Seleções Nacionais de Futebol, mais tarde denominado (e desde então assim conhecido por) Copa América. Fora instituído em 1916 e é considerada, pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), a mais longa competição futebolística internacional. Na verdade, naqueles primórdios do processo de institucionalização do futebol como esporte de massas na América do Sul, o certame reunia apenas quatro nações, Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, pois nos demais países sul-americanos tal modalidade se encontrava em estágio incipiente de organização e inserção na sociedade local (GUTTMANN, 1994; MASON, 1995).

Em 1922, no bojo das comemorações do centenário da independência do Brasil, outros dois eventos esportivos internacionais foram realizados. Mais um Campeonato Sul-Americano de Seleções Nacionais e novamente o Fluminense FC reforma e amplia seu estádio, elevando a capacidade de 18 mil para 25 mil espectadores. Neste mesmo ano foram realizados, também na cidade do Rio de Janeiro, os “Jogos Latino-Americanos”, espécie de primeira olimpíada continental, considerada por isso como precursora dos Jogos Pan-Americanos, que surgiriam somente em 1951.

A ocorrência desses três eventos continentais concentrados em apenas três anos, mais do que enaltecer e afirmar internacionalmente a capital da jovem república, e ratificar sua pretensiosa condição de “cidade maravilhosa”, certamente ajudou a ratificar a imagem do Rio de Janeiro como “cidade esportiva”, atendendo assim aos propósitos de determinados segmentos (burgueses e aristocráticos), que desde o final do século XIX vinham investindo no processo de “esportivização” como ingrediente fundamental para se alcançar a almejada modernidade.

Várias indagações se colocam face à nebulosidade que ainda cerca aquelas competições, passados quase cem anos de sua realização. Que agentes estiveram efetivamente envolvidos na sua organização? Com que interesses e motivações? Quais os discursos acionados em prol daqueles eventos? Quem eram os espectadores dos jogos, que expectativas alimentavam e que emoções vivenciaram? Em que medida o “campo esportivo” acelerou sua consolidação (ou redirecionou seus rumos) com estes certames? Essas e outras indagações são necessárias e pertinentes, mas não podemos, diante dos dados disponíveis, enfrentá-las completamente ou com o devido rigor. Por conseguinte, o que pretendemos neste artigo é apresentar um panorama do que foram nossos primeiros “grandes eventos esportivos” (sobre os

quais, aliás, muito pouco ficou documentado), para, a seguir, tentar inserir e situar estes três eventos no contexto mais geral da modernidade urbana, e no processo mais específico de construção da imagem do Rio de Janeiro como cidade esportiva, um constructo que mais tarde alimentou as narrativas em favor da realização dos grandes eventos esportivos no século XXI.

Tentaremos argumentar que tais eventos se inserem no projeto de produção da cidade esportiva, tendo em vista o particular contexto histórico no qual o campo esportivo ainda não gozava de plena legitimidade (ao contrário, se configurava como âmbito de conflito de opiniões acerca de sua validade) e, por esta razão, não desfrutava do imenso apoio governamental de nossos dias. Portanto, as circunstâncias de realização (sobretudo no que tange ao financiamento) daqueles eventos em muito se difere no panorama atual, em que os gastos públicos se elevam a cifras milionárias a ponto de comprometer políticas sociais essenciais, no afã de promover a cidade olímpica.

## Os eventos de 1919 e 1922: projeto de cidade esportiva, moderna e cosmopolita

Em 1919, a cidade do Rio de Janeiro acolheu pela primeira vez o Campeonato Sul-Americano de Seleções Nacionais de Futebol, que congregou quatro países (Brasil, Chile, Uruguai e Argentina). A cidade já dispunha de um estádio que, embora pequeno para os padrões hodiernos, atendia aos requisitos do certame, além de garantir toda uma atmosfera de nobreza, tanto pela qualidade das instalações e por sua inserção em valorizada zona da cidade, quanto pela audiência sofisticada que receberia durante os jogos. O futebol já se encontrava plenamente consolidado na vida urbana carioca, tendo ultrapassado o remo em popularidade ao longo daquela década de 1910, quando também proliferaram os chamados clubes suburbanos (PEREIRA, 1996). Nesse contexto, estavam garantidos dois quesitos fundamentais para o êxito do evento: o entusiasmo da sociedade local e a aura pretensamente higiênica e cosmopolita, imagem de um Brasil civilizado. Não por acaso, no dia 16 de abril de 1919, o jornal *A Noite* informava acerca de uma revista dirigida ao público esportivo:

“POLYANTHECA SPORTIVA” — logo que se encerrar o Campeonato Sul-Americano de Football como nos annos anteriores será publicado o terceiro número dessa revista. Onde se encontrarão compediadas as

descrições de todos os matches, acompanhada de instantâneos das peripécias dos jogos. Caricaturas e biographias dos jogadores. Esse número, porém, sairá em edição especial destinada a venda, não só no Brasil, como no Chile, Uruguay e Argentina. E os directores da revista citada, valendo-se dessa oportunidade, pretendem, segundo o programa que temos em mãos, fazer a propaganda não só dos nossos productos da nossa **civilização**, da nossa **natureza** como também do nosso Sport. [grifo nosso].

A revista anuncia assim a edição de um número especial para o certame de 1919, voltada também para os demais países envolvidos. Nessa festajada projeção internacional, deixa claro que está em jogo não apenas exibir o nível de organização de nossos esportes, mas os productos da civilização (notar a pujança do setor industrial que naquele momento tinha ainda o Rio de Janeiro como maior concentração nacional), bem como de nossa natureza. Qual natureza? Certamente a natureza bela da cidade que se quer maravilhosa, e ao mesmo tempo uma natureza que convida aos esportes, ao banho de mar, ao montanhismo então nascente (DIAS, ALVES JR., 2007).

Temos argumentado acerca de como a constituição de um campo esportivo foi sendo concebido como elemento de modernidade e civilidade no contexto de afirmação da sociedade industrial capitalista (MASCARENHAS, 1999). Sobre a atmosfera da cidade em relação ao evento, o entusiasmo supracitado pode ser aferido na matéria abaixo, colhida no mesmo jornal *A Noite*, no dia 19 de fevereiro do mesmo ano, quando o evento é tomado como o *Grande Campeonato Sul-Americano*.

OFFERTA VALIOSA PARA OS CLUBS DE FOOTBALL — o industrial joalheiro Sr. Leonardo Marques da Costa acaba de confeccionar um grande escudo em prata cinzelada, para ser offerecido ao club de football que maior numero de distinctivos de ouro e esmalte tiver adquirido até a data do **Grande Campeonato Sul-Americano**. É realmente um lindo trabalho, que irá despertar os nossos amadores, desejosos de valiosa offerta va ornamentar a sala de qualquer dos seus clubs. O escudo mede 60x50, assente em madeira, tendo de peso, em prata, 2000 gramas. Tem como bello trabalho de cinzel e as figuras são magnificamente feitas em relevo. Está em exposição na casa Yankee, à Rua do Ouvidor esquina da avenida rio Branco. [grifo nosso].

Ou mais ainda na matéria a seguir, que associa o entusiasmo da sociedade com o resultado financeiro do evento.

Passando a outra ordem de considerações sabe qual a renda produzida por ocasião dos campeonatos realizados em 1916 na Argentina e em 1917 no Uruguay? Cerca de oitocentos contos de réis! É facto fácil de comprovar aqui está o segundo numero da minha POLYANTHEA SPORTIVA publicada em 1917. Lea a transcrição que fiz de "LA RAZON": — A Associação Uruguaya conquistou um triumpho financeiro no encontro de hontem. Entre brasileiros e uruguayos. A venda de entradas ascendeu a 24.368 assim distribuídas: geraes 11.000; tribunas 5.868; plateia 1.500 produzindo um rendimento total de 89. 147.60" Segundo a "Uruguaya Sport" o record de entradas em matchs de football que pertencia a Argentina com 15.000 entradas vendidas para o match uruguayus-argentinos. Em 1916, ficou então pertencendo ao Uruguay com 21.368 afóra os convidados. Eu tenho fé em que conseguiremos bater esse "record". Agora um cálculo interessante: os preços que vigorarão para o campeonato deste mez são os seguintes: geraes 3\$: archibancadas 5\$000: cadeiras 10\$000. Tome-se por média o preço de 5\$000. O stadium comporta mais de 20.000 pessoas. Supponhamos que a frequencia média de espectadores pagantes seja de 14.000, commumente temos conseguido esse número). (...) o **reverso da medalha** e terás despesas avultadíssimas que a C.B.D. a está fazendo com a estadia das embaixadas estrangeiras, etc. mas as importancias dessas despesas ficam no paiz... (A NOITE, 1º de maio de 1919). [grifo nosso].

Queremos frisar dois aspectos interessantes na matéria acima. Primeiramente, a declarada disputa entre os três países pela obtenção do *record* de público nos jogos. O esporte, no caso o futebol, já adquirira então esse vínculo com a nacionalidade, num contexto histórico acentadamente nacionalista (envolvendo a Primeira Guerra Mundial e todos os movimentos nacionalistas que a antecederam, e que se desdobrariam com vigor no fascismo da década de 1920). Sobre o nacionalismo naquele contexto, Eric Hobsbawm (1991, p. 171) afirmou que a nação, essa imaginária comunidade de milhões, esse exercício de abstração difícil para as camadas populares, parece bem mais "real" na forma de um time com onze pessoas e com um nome<sup>2</sup>. Portanto, estava em jogo no certame de 1919 não apenas a disputa em campo, pelos atletas, mas uma outra disputa que envolvia toda a sociedade,

ou a raça, para empregar uma expressão bastante difundida na época, cujo objetivo era demonstrar sua capacidade de valorizar e prestigiar aquela atividade representante da modernidade e da civilidade dos povos. Em suma, as rivalidades nacionais no contexto sul-americano já se resolviam no campo esportivo, e, vale frisar, não se resumiam à performance dos jogadores, mas se estendiam ao conjunto da sociedade brasileira.

O segundo aspecto da matéria em questão se refere ao citado *reverso da medalha*, que grifamos. O autor nos reporta a um tema que, nos dias de hoje, é foco de amplos debates quando avaliamos os custos de um megaevento esportivo. No caso, trata-se explicitamente dos gastos com hospitalidade de delegações estrangeiras. Ainda assim, aparentemente sustenta o autor que teremos lucro com o certame, pela expectativa das arrecadações. A grande diferença em relação aos dias de hoje, é que o tamanho das delegações estrangeiras se multiplicou dezenas de vezes, e não mais são custeadas pela arrecadação do evento, e sim pelos cofres públicos.

Cumprido realçar que, em 1919, o Brasil apenas cumpria o acordo feito pelos quatro países presentes (Chile, Argentina, Brasil e Uruguai) de alternar entre si a sede das primeiras quatro edições do campeonato sul-americano de futebol. Chegara a nossa vez, neste rodízio. Em 1922, por seu turno, tínhamos um forte motivo, não apenas para reeditar o certame futebolístico como para promover aquela “primeira olimpíada continental”: a comemoração do Centenário da Independência. Definamos, pois, o ano de 1922, já “eternizado” em nossa memória pela realização da Semana de Arte Moderna (e pela fundação do Partido Comunista Brasileiro), como também um ano marco nas políticas públicas de promoção internacional da imagem do país através dos esportes, não obstante o ínfimo investimento governamental então realizado.

Por ocasião dos Jogos Latino-Americanos, em face da ausência de maior apoio governamental, foi essencial o apoio das entidades esportivas. As novas instalações do Fluminense (piscina olímpica, ginásio coberto, etc.) foram fundamentais, bem como outros equipamentos privados já existentes na cidade, como o Derby Club, para provas hípcas. Nesse aspecto, vale frisar o estágio evolutivo adquirido pelo turfe na cidade, que já dispunha, em 1886, de quatro hipódromos, com 63 páreos e grande movimento de apostas, além de uma revista especializada, *O Jóquei*.

Não apenas os equipamentos esportivos das poucas modalidades mais desenvolvidas na cidade foram acionados. A enseada de Botafogo serviu para abrigar as competições do remo e as Forças Armadas ofereceram também suas instalações (DaCOSTA, 2005). No que tange ao financiamento do



evento, desta vez consta a ocorrência de certo apoio governamental, ainda que irrisório e obtido tardiamente, ao custo de muita negociação, colocando em risco a própria realização do evento, para o qual a contribuição da Associação Cristã de Moços foi decisiva (TORRES, 2005). Não há, conforme os estudiosos, satisfatória disponibilidade de dados sobre este evento, mas parece notório que prevaleceu amplamente a iniciativa privada e de natureza filantrópica para viabilizá-lo. Tais energias sociais, a despeito do incipiente suporte estatal, demonstram o imenso significado para nossas elites, desejosas de cosmopolitismo, de proporcionar tais eventos, tomados como passaporte para ingresso da cidade e do próprio Brasil no prestigiado circuito internacional das nações “civilizadas”.

### Considerações finais

Para tornarem-se velozes e adaptadas às modernas fontes de energia as pessoas tinham de ser fisicamente condicionadas e psicologicamente motivadas. Foi para isso que os esportes modernos foram inventados. (SEVCENKO, 1993, p. 82).

Pressupomos que esportes modernos não foram exatamente criados para atender a demandas da ordem burguesa de aceleração de corpos e espíritos. Mas foi, sem dúvida, esta ordem burguesa que instaurou um cenário urbano propício à difusão dos esportes. E ao fazê-lo, a cidade moderna serviu não apenas de solo fértil às atividades esportivas, mas sobretudo dotou-as de significados novos e ampliados, recriando, pois, o esporte, reinventando-o, ao ritmo e ao sabor da modernidade urbana. Transformando-o a tal ponto que Sevcenko preferiu afirmar que esta nova ordem o (re)inventou. É nesta perspectiva que procuramos enquadrar a realização dos primeiros eventos esportivos internacionais na cidade do Rio de Janeiro, sondando suas motivações, seus agentes e interesses envolvidos, que juntos promoveram uma nova narrativa sobre a nascente “mitologia” da Cidade Maravilhosa.

Cumpramos destacar que os eventos esportivos aqui estudados, assim cremos, tiveram sentido e significação ampliados justamente por terem sido realizados na capital da nascente república. No plano simbólico, o projeto de construção da nação brasileira teve o Rio de Janeiro como marco fundamental. E por representar a cidade-símbolo do projeto nacional, a cidade foi

utilizada como uma espécie de vitrine para a civilização desejada. Portanto, o Rio de Janeiro acolhia investimentos (materiais e discursivos) que visavam não apenas a imagem da urbe em si, mas a própria imagem do Brasil.

Vimos que naqueles primeiros eventos, foi crucial a iniciativa e o apoio logístico e material de entidades esportivas (clubes) e até mesmo da ACM. Se observarmos a atuação do poder público junto ao campo esportivo durante toda a República Velha, para além de irrelevantes atos reguladores, o que encontraremos como provavelmente sendo a única intervenção significativa de natureza material foi a construção do Pavilhão de Regatas, na Praia de Botafogo, em 1904. Ainda assim, tal intervenção, que se insere no bojo da Reforma Passos e suas medidas de embelezamento urbano e apropriação social da orla, estava mais preocupada com o “aburguesamento” do espaço público do que com o desenvolvimento esportivo em si (MASCARENHAS, 1999). Ademais, a modalidade esportiva agraciada pelo Pavilhão de Regatas foi o remo, na época o mais disseminado esporte na cidade, contando com grande público, inúmeras agremiações, todas criadas e mantidas por pura iniciativa voluntária de indivíduos e grupos (MELO, 2001).

Para melhor compreender os eventos aqui analisados, algumas considerações sobre o papel do Estado se fazem necessárias. Os esportes se desenvolveram intensamente no final do século XIX, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, quase sem contar com qualquer apoio estatal. Sua difusão em escala planetária se processou por conta da atuação de diversos agentes privados (bacharéis, empresários, técnicos, marinheiros, missionários), ainda sem qualquer interferência do poder público. Basicamente, a prática esportiva se difundiu com base em seu discurso, em sua dimensão simbólica, associada intensamente à saúde e à formação individual do caráter<sup>3</sup>.

Os acontecimentos de 1919 e 1922, aqui relatados e contextualizados nos limites das possibilidades, parecem nutrir um processo mais amplo que definimos como o da invenção da cidade esportiva. Para tanto, tentamos localizar os agentes organizadores e detectar em suas falas os enunciados que justificassem a realização daqueles eventos, pela apologia do esporte e da civilização. São discursos que, na busca de apoio estatal ou privado, e na ânsia de promoção para atrair público consumidor, enaltecem o papel civilizador e regenerador dos esportes. Ao mesmo tempo, sinalizam para a aptidão da raça e/ou povo brasileiro para a prática dos esportes, o que em outras palavras significava, naquele momento histórico, propensão à modernidade, aceitação do modo de vida promissor, moderno e cosmopolita, importado das nações mais avançadas e higiênicas do planeta.

Recentemente percebemos o quanto a realização de megaeventos esportivos em nossos dias, ao implicar a construção de grandes projetos urbanos com produção de elementos icônicos na paisagem, conflui diretamente com poderosos interesses imobiliários, expectativas de coesão social e com anseios de projeção global da cidade (Mascarenhas, 2016). Examinando aqueles primeiros eventos esportivos no Rio de Janeiro, embora tão diminutos se comparados à magnitude hodierna, neles já vislumbramos elementos similares, tais como a projeção internacional de uma nova imagem da cidade, mais moderna e cosmopolita; com interesses imobiliários (a afirmação da Zona Sul carioca como espaço preferencial de nobre expansão urbana) e com a política de coesão social: todos pelo esporte, pelo evento, pelo Brasil.

Enfim, os eventos aqui analisados ratificam a imagem da capital vibrante e cosmopolita, de uma gente que se diverte e que expõe seus corpos atléticos, tão distintos de um recente passado romântico e colonial. A nova cidade, símbolo da nova nação, é antes de tudo, esportiva, não importando se a grande maioria da população estivesse excluída desses exercícios e do lazer a beira-mar. O que importa é que já estavam assentadas, no plano simbólico, ainda que de forma incipiente, as bases da futura cidade olímpica.

## Notas

1 Numa época em que ainda não havia no país um sistema de apoio governamental minimamente regular aos esportes, coube a uma associação esportiva, o Fluminense Football Club, então a agremiação mais bem-dotada de recursos financeiros (com o suporte de setores da elite, como a poderosa família Guinle), não apenas reformar e ampliar seu estádio para acolher o evento, mas também custear a hospedagem das delegações visitantes.

2 No Brasil, quando ouvimos o hino nacional, a imagem súbita e mais recorrente que nos advém é a da seleção nacional de futebol postada solenemente no campo, minutos antes de mais um importante confronto internacional. Albrecht Sountag (1998, p. 31) confirma esta impressão de que o futebol é um dos mais poderosos vetores de identidade nacional na atualidade. Para Ignacio Ramonet (1998, p. 55), a Copa do Mundo é uma autêntica guerra ritualizada, que reafirma o futebol como o melhor revelador das virtudes de uma nação.

3 O primeiro grande envolvimento estatal com o esporte viria a ocorrer mais tarde, por ocasião do movimento nazifascista. Os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) são um reconhecido marco deste processo, mas já na década anterior, Mussolini disseminou pela Itália seus estádios “comunales”, estruturas neoclássicas padronizadas, símbolos do novo regime e da herança poderosa do velho império.

## Referências bibliográficas

- DACOSTA, L. The IOC and Latin American Olympics — 1922, Rio de Janeiro. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- DIAS, Cleber; ALVES JR., Edmundo. **Entre o mar e a montanha**. Esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói, EDUFF, 2007.
- GUTTMANN, Allen. **Games and Empires: modern sports and cultural imperialism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MASCARENHAS, G.. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, pp, 17-39, junho de 1999.
- \_\_\_\_\_. A produção da cidade olímpica e os sinais de crise de um modelo globalitário. **GEOUSP — Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 52-68, may 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/107148>. Acesso em: 25/03/2017.
- MASON, Tony. **Passion of the people? Football in South America**. London: Verso, 1995.
- MELO, Victor. **“Cidade Sportiva”**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- PEREIRA, Leonardo A. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RAMONET, Ignacio. Football et passions nationales. In: BONIFACE, Pascal (Org.). **Géopolitique du Football**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. “Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC, v. 6, n. 11, pp. 78-88, 1993.
- \_\_\_\_\_. Futebol, Metrôpoles e Desastinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun/ju/ago de 1994.
- SOUNTAG, Albrecht. Le Football, image de la nation. In: BONIFACE, Pascal (Org.). **Géopolitique du Football**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.
- TORRES, C. Jogos olímpicos latino-americanos de 1922 — Rio de Janeiro. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

Recebido em 12/07/2017

Aprovado em 12/10/2017